

Colóquio de Estudos Clássicos

A Antiguidade Clássica e nós

Herança e identidade cultural

ACTAS

Organização de
VIRGÍNIA SOARES PEREIRA
ANA LÚCIA CURADO

UNIVERSIDADE DO MINHO
CENTRO DE ESTUDOS HUMANÍSTICOS

BRAGA • 2006

FICHA TÉCNICA

Título *A Antiguidade Clássica e nós. Herança e identidade cultural*

Autores VÁRIOS

Edição UNIVERSIDADE DO MINHO / CENTRO DE ESTUDOS HUMANÍSTICOS

Organizadores VIRGÍNIA SOARES PEREIRA
ANA LÚCIA CURADO

Tiragem 300 exemplares

ISBN 972-8063-45-0

Depósito legal 245715/06

Execução gráfica BARBOSA & XAVIER, LDA. - ARTES GRÁFICAS
Rua Gabriel Pereira de Castro, 31-A e C
Tel. 253 618 916 / 253 263 063 • Fax 253 615 350
E-mail: barbosa.xavier@sapo.pt
4700-385 BRAGA

Distribuição LIVRARIA MINHO - Ferreira & Salgado. Lda.
Largo da Senhora-a-Branca, 66
Tel. 253 271 152 • Fax 253 267 001
E-mail: lminho@livrariaminho.pt
4710-443 BRAGA

PREÂMBULO	7
PROGRAMA DAS SESSÕES DO COLÓQUIO	9
COMUNICAÇÕES	
O mundo ocidental frente ao mundo	17
R. M. ROSADO FERNANDES	
Dois poemas de autor anónimo: a <i>Iliada</i> e a <i>Odisseia</i>	33
FREDERICO LOURENÇO	
Arquíloco e a lenda das filhas de Licambas. Um olhar pela obra de Arquíloco e sua recepção	41
CARLOS A. MARTINS DE JESUS	
O motivo da <i>Philia</i> na <i>Medeia</i> de Eurípides	53
MARIA DO CÉU FIALHO	
A concepção dos figurinos na tragédia grega: alguns exemplos	65
LUIZA DE NAZARÉ FERREIRA	
Crises políticas – reflexões de ontem e de hoje. Contributos de <i>O Político</i> de Platão para o retrato do governante e do regime perfeitos	73
CARMEN SOARES	
Mimèsi tragica o <i>Verfremdungsprozess</i> in Platone? L'essere in sé nel discorso di Alcibiade (<i>Symp.</i> 215 d2-e6) e nella tragedia più bella (<i>Leg.</i> 817 b1-5)	79
GIOVANNI PANNO	
Mulheres na literatura grega antiga: recursos estilísticos?	93
ADRIANA FREIRE NOGUEIRA	
O cavalo e a jovem rapariga	103
ANA LÚCIA CURADO e J. M. CURADO	
Las leyes en los discursos deliberativos	117
MARÍA JOSÉ MARTÍN VELASCO	

Do mito à utopia. Viagem ao mundo do imaginário grego	125
MARÍLIA PULQUÉRIO FUTRE PINHEIRO	
A dupla patrão/criado na tradição cómica. A. J. da Silva, <i>Os Encantos de Medeia</i> ..	139
MARIA DE FÁTIMA SILVA	
A <i>Cásina</i> de Plauto – uma comédia de humor incoerente	153
AIRES PEREIRA DO COUTO	
Terêncio, Africano, um poeta para os jovens	175
ANTÓNIO MARIA MARTINS MELO	
Não é o corpo que peca, mas a alma. Ovídio e a infidelidade	187
CARLOS ASCENSO ANDRÉ	
As potencialidades didáticas da obra de Marcial	207
JOÃO MANUEL NUNES TORRÃO	
Uma réstia de ouro sobre o poço. Releitura problemática do anti-herói do <i>Satyricon</i>	219
WALTER DE MEDEIROS	
O <i>Satyricon</i> de Petrónio: malhas de acaso e descaso	227
DELFIN F. LEÃO	
A herança literária do <i>Asinus Aureus</i> de Apuleio: entre seriedade e frivolidade	243
CLÁUDIA AMPARO AFONSO TEIXEIRA	
Alexandre Magno, antepassado do Rei Artur: algumas notas sobre a influência clássica na matéria da Bretanha	255
ANA MARGARIDA CHORA	
Das feiticeiras da Antiguidade às santas da Idade Média	263
NATÁLIA MARIA LOPES NUNES DA GRAÇA	
A influência do Latim no tratamento das variantes lexicais nos primeiros dicionários da língua vernácula editados em Portugal	273
BRIAN FRANKLIN HEAD	
Uma carta de Cataldo ao camareiro-mor D. João Manuel	287
AMÉRICO DA COSTA RAMALHO	
Aires Barbosa e a defesa dos estudos clássicos: o testemunho dos textos	293
SEBASTIÃO TAVARES DE PINHO	
A vítima sacrificial na tragédia grega: de Ifigénia a Inês de Castro	305
LINA MARIA MARQUES SOARES	

A Tábua de Cebes e o Jogo das Virtudes de João de Barros	317
ANTÓNIO MANUEL DE ANDRADE MONIZ	
Imitações de Sannazaro: o caso das églogas «De Natali Christi» e «De Christo Nato»	329
MANUEL J. DE S. BARBOSA	
A sobrevivência do repertório geométrico mosaístico romano na gramática decorativa dos pavimentos da pintura quinhentista	349
MARIA DE FÁTIMA ABRAÇOS	
O género bucólico em um poema jesuítico (BPE, cod. CXIV/1-39)	361
ARMANDO DUARTE SENRA MARTINS	
A mitologia grega no pensamento arcádico português	371
ANA CLARA SANTOS	
La pervivencia de la novelística griega en el siglo XVII español: <i>Los Hijos de la Fortuna</i> de Pedro Calderón de la Barca	385
ENRIQUE PÉREZ BENITO	
Um <i>Museion</i> na Lisboa liberal(izada): a <i>Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portugueses</i>	399
ANA CRISTINA MARTINS	
«La Bella Elena»: Garrett e Offenbach	415
MARIA DO ROSÁRIO GIRÃO RIBEIRO DOS SANTOS	
Em torno de Orfeu, da literatura ao cinema: interpretações modernas do mito	433
JOÃO DOMINGUES	
A ópera de um mito: Orfeu e Eurídice na obra de Monteverdi e Gluck	447
PEDRO BRAGA FALCÃO	
O <i>Vellño</i> de José Rubinos, unha recreación do mito de Edipo	459
MARIA TERESA AMADO RODRÍGUEZ	
Medeias	469
ÍSILDA MARIA LOPES DE SOUSA RAMOS LEITÃO	
A traducción do <i>Idílio II</i> de Teócrito polo poeta Aquilino Iglesia Alvariño	481
AMELIA PEREIRO PARDO	
O <i>Corpo de Helena</i> : luz e sombras numa obra de Paulo José Miranda	489
ALESSANDRA C. JONAS NEVES OLIVEIRA	
El mito de Prometeo en la literatura inglesa e española: <i>Frankenstein</i> de M. Shelley y <i>El Señor de Pigmalión</i> de J. Grau	497
LUCÍA ROMERO MARISCAL	

A tradição sempre renovada em <i>Sombras com Aquiles e Pentiseleia</i> de Vasco Graça Moura	507
JOSÉ MANUEL VENTURA	
O tema de Tróia na poesia portuguesa contemporânea	517
JOSÉ RIBEIRO FERREIRA	
... e vissero per l'Arte	535
JOLANDA CAPRIGLIONE	
<i>Guerra das Estrelas</i> – o legado estóico à luz do sabre de George Lucas	547
MARIANA MONTALVÃO HORTA E COSTA MATIAS	
Exploração do jogo <i>Roma: Guerra Total</i> em contexto educativo	559
LUÍS PEREIRA e ANA AMÉLIA CARVALHO	
As máscaras da memória. «O Nome da Rosa» no Convento de Cristo em Tomar – o teatro como factor de revisitação e perenidade da antiguidade clássica .	567
ADRIANO MILHO CORDEIRO	
Herança latina nos dias de hoje (contributos)	575
MARIA ALCINA DOS MÁRTIRES LOPES	
Modelos de integração: Grécia e Roma, ideias válidas para a Europa? 1. Grécia: um modelo de integração?	585
MARIA LEONOR SANTA BÁRBARA	
Modelos de integración: Grecia e Roma ¿Ideas válidas para la Europa? 2. Roma antigua y la integración europea?	595
ANTONIO RUIZ CASTELLANOS	
O ensino das línguas clássicas em Portugal em contexto europeu	609
FRANCISCO DE OLIVEIRA	
As Humanidades e a cultura pós-moderna	619
VÍTOR AGUIAR E SILVA	

Este livro contendo as **Actas** do Colóquio *A Antiguidade Clássica e nós. Herança e identidade cultural*, com organização de Virgínia Soares Pereira e Ana Lúcia Curado, edição da Universidade do Minho/Centro de Estudos Humanísticos, foi composto e impresso nas Oficinas de Artes Gráficas de Barbosa & Xavier, Lda. - Braga. Acabou de ser impresso aos 18 de Outubro de dois mil e seis.

Depósito legal 245715/06

ISBN 972-8063-45-0

Terêncio, Africano, um poeta para os jovens*

António Maria Martins Melo¹
Faculdade de Filosofia da U.C.P. - Braga

Cinco séculos são passados desde o início do pontificado de D. Diogo de Sousa como arcebispo de Braga (1505-1532). A cidade prepara-se para celebrar este ilustre prelado que a história havia de consagrar como o seu grande reformador: a par das suas preocupações urbanísticas, foi sua intenção dotar a arquidiocese de modernos estudos de Humanidades e de Teologia. Por isso, fundou o Colégio de S. Paulo, em 1531. Destas preocupações culturais, nos alvares do Renascimento português, podemos colher ecos na correspondência e nos poemas do humanista italiano Cataldo Parisio Sículo, como já foi mencionado pelo Prof. Doutor Américo da Costa Ramalho (1966).

Mais tarde, o dominicano Frei Bartolomeu dos Mártires, que ascendeu à mitra primacial em 1558, havia de impulsionar a renovação dos estudos deste colégio, entregando-o à promissora Companhia de Jesus, em 1560. Este espírito reformador há-de marcar, de forma enérgica, as suas intervenções no Concílio de Trento (1562-1563). Destes tempos conturbados – lembremo-nos que o início dos trabalhos conciliares desta terceira fase se protelou caprichosamente por oito longos e fastidiosos meses – emerge o fulgor do Primaz das Espanhas, que soube transformar esta adversidade num precioso triunfo pessoal. Rodeado por um manancial bibliográfico de qualidade incedível, que se foi acumulando ao longo das épocas precedentes do Concílio, prepara-

* Quero manifestar a minha gratidão a todos os professores universitários que me facultaram a leitura dos seus textos incorporados numa colectânea internacional de estudos sobre Terêncio, que aguarda a sua publicação para breve, sob a chancela da Universidade de Granada, em Espanha.

¹ As suas comédias se, por um lado, podem considerar-se um documento vivo das inquietações juvenis (Taladoire, 1972: 113), também não deixa de ser verdade que elas apontam para um ideal de figura paternal: deste modo, o poeta dá voz a uma geração sedenta de mudança, que é fruto de uma influência cada vez mais marcante de um ambiente espiritual grego, onde pontificou, entre outras, a figura de Paulo Emílio. Graças ao seu comando, Roma havia de submeter Pidna (168 a.C.), na Macedónia, de onde trouxe valiosos despojos de guerra, nomeadamente um grande número de livros do palácio real. Esta biblioteca do rei Perseu havia de servir à educação dos filhos daquele ilustre varão romano, nomeadamente ao jovem Cipião Emiliano que viria a dinamizar um grupo de intelectuais que partilhavam a mesma visão do mundo, o conhecido Círculo dos Cipiões (Grimal, 1975: 14).

-se denodadamente para tão ingente missão. O clamor da sua voz, à maneira ciceroniana², vitupera a decadência do seu tempo:

Heu, in qua tempora incidimus, Patres! Abierunt in sico flumina, speculatores caeci facti sunt, canes muti non ualentes latrare. O miseria temporum quando tam monstrifica et pestifera sunt omnia. (apud Mártires, 1981: XXX)

Ai, Padres, a que tempos chegámos! Secaram as fontes, dormem as sentinelas, emudeceram os cães! Ó miséria dos nossos tempos, em que tudo está tão corrompido e deturpado!³

A par de outras obras de Bartolomeu dos Mártires, foi este o tempo de gestação de uma obra singular, redigida na língua de Virgílio, o *Stimulus Pastorum*, onde este prelado define a função e o perfil do bispo, sucessor de Jesus Cristo na Igreja.

Trata-se de um livrinho dividido em duas partes: na primeira, recolhem-se pensamentos selectos oriundos das Sagradas Escrituras e das meditações dos Santos Padres, dispostos segundo a ordem das leituras; na segunda parte, ocupa-se o Santo Arcebispo dos costumes e das ordenações episcopais e de outros prelados, conforme se lê na apresentação redigida por Frei Luís de Granada, por ocasião da primeira edição em 1565, na cidade de Lisboa.

Neste livrinho, sem pretensões literárias, como havia de sublinhar Diogo Paiva de Andrade (apud Mártires, 1981: LXXIII)⁴, por duas vezes acode à pena do nobilíssimo Varão a referência a Terêncio, o cómico latino objecto desta nossa breve reflexão. A primeira delas acontece quando se elege um pensamento de Santo Agostinho, a que o bispo de Hipona junta uma citação da comédia *O homem que se puniu a si mesmo*, versos 75-77, reproduzindo um excerto do diálogo entre Menedemo e Cremes. Este observa o seu vizinho, vergado à lida dura do campo e, cheio de curiosidade, interpela-o acerca dos motivos de tamanho sacrifício, ao que aquele responde:

² No contexto do comentário a excertos das cartas de S. Gregório, o ilustre prelado bracaraense havia de citar o passo célebre de Cícero (*Cat. I.1.2*): *O tempora, o mores* (Mártires, 1981: 41).

³ A tradução deste excerto foi feita por Fr. Raul de Almeida Rolo, O. P., que redigiu a Introdução à edição bilingue de *Estímulo de Pastores*.

⁴ Trata-se de um teólogo do concílio de Trento, que testemunhou de perto a actuação do Arcebispo de Braga e Primaz das Espanhas. Por ocasião da primeira edição do *Stimulus Pastorum*, em 1565, promovida por Frei Luís de Granada, escreveu uma carta de que citamos esta passagem, com tradução do Dr. Manuel Augusto Rodrigues: *Atque apud tuum animum, candide Lector, non testatum relinquere, ne in hoc opere orationis ornatum et elegantiam, sed sententias pietatis eruditionisque plenissimas requiras. Neque enim Autor tanti orationis lumina quanti pietatis splendorem semper fecit, non tam uerborum flosculis ac lenociniis quam solidae atque expressae ueritatis nervis ex sacrorum librorum fontibus hausit, excellere studuit.* Isto é: 'De qualquer modo, leitor amigo, não ponhas de lado, em teu espírito, este testemunho; a fim de não buscares neste livro a elegância do dizer ou as flores do estilo, mas apenas as sentenças transbordantes de piedade e erudição. O autor, com efeito, nunca estimou tanto as belezas do discurso como o esplendor da piedade; nem procurou nunca ser exímio no floreado ou nos atractivos da palavra, mas tão só nas energias da verdade sólida e clara que haurira nas fontes dos Livros Santos.'

Augustinus: debet homo diligere proximum tamquam seipsum, ut quem potuerit hominem, uel beneficentiae consolatione uel doctrinae informatione uel disciplinae coercitione, adducat ad colendum Deum. Et tibi ex Terentio adducit, cum ab uno sene alteri seni dictum componeret, scilicet: «Tamtumne ab re tua est otii tibi, aliena ut cures, eaque nihil quae ad te attinent?» Responsum ab altero reddidit: «Homo sum, humani nihil a me alienum puto» (Mártires, 1981: 117).

Santo Agostinho diz: deve o homem amar o próximo como a si mesmo, para levar para Deus aqueles que puder angariar-lhe pela consolação dos benefícios, pela subministração do ensino ou pela coacção da disciplina. E aduz um texto de Terêncio, em que um velho dizia a outro velho: 'Tens assim tanto vagar, para te meteres na vida alheia naquilo que te não diz respeito?' E o outro replicou-lhe: «Sou homem, nada do que é humano me pode ser indiferente»⁵.

Palavras amargas, de quem mal suportava a inoportuna intromissão; contudo, Cremes vai responder com humanidade. E daí a pouco, Menedemo há-de confidenciar que, com a sua árida ocupação, procurava mitigar de alguma forma o desespero que a partida inopinada do filho Clínia lhe trouxe. O contínuo desaguisado doméstico tinha-o empurrado para a carreira das armas, no Oriente, a exemplo do que já havia sucedido consigo, quando tinha a mesma idade.

A segunda referência do comediógrafo ocorre no primeiro capítulo da segunda parte, quando se trata da solicitude digna de um bispo e se sublinha a importância da voz para o exercício da sua missão:

Baptista dixit quod nihil aliud erat quam uox, in sensu quo dictum est cuidam apud Terentium: «Tu quantus es, totus es sapientia». Sic ego quantus sum, totus uox sum, id est, nullum aliud mihi incumbit officium, nisi emitte preaeconia quod uenit Christus. (Idem, 154)

S. João Baptista disse que não passava de uma voz, no sentido em que um personagem de Terêncio diz a outro: «Tu, quanto és, és todo sabedoria». Também eu, tudo quanto sou, sou voz, quer dizer, não tenho outro ofício senão anunciar a vinda de Cristo.

Todos identificamos, naturalmente, este trecho como uma tirada do escravo Siro, em *Os dois irmãos*, elogiando o falso *sapiens*, de nome Démea, que, na altura, ainda não desconfiava que o seu filho Clitífão estava metido no roubo da citarista!...⁶

Uma leitura mais atenta, prescindindo, agora, do Índice de Autores, revela-nos uma nova ocorrência nesta segunda parte do *Stimulus Pastorum*, quando o preclaro arauto da renovação da Igreja fala da prudência e da circunspeção do pastor nas palavras e nas acções. Recomenda ele aos prelados a modéstia e a capacidade de adaptação às circunstâncias, mesmo

⁵ As traduções dos excertos do *Stimulus Pastorum* são feitas pelos saudosos Padres Jesuítas António Freire e Manuel Barbosa Pinto.

⁶ Uma leitura atenta revela-nos que esta passagem não corresponde à do comediógrafo latino inserta na terceira cena do Acto III (vv. 385-386): *Demea, / istuc est sapere...*

com prejuízo próprio mas sem ofensa a Deus, buscando a paz e a concórdia de todos:

Igitur multa dissimulare debes, multis conuiuere, omnia sic attemperare pro locis et temporibus ut caritas et pax seruetur. Hinc illud Terentii: «Summum ius, summa iniustitia est». Sapiens etiam: Noli esse nimium iustus, nec plus sapias quam oportet. Si Deus ius suum rigorose prosequeretur, nullum hominem uiuere sineret. (Idem, 337)

Tendes, pois, muito que dissimular, transigir em muita coisa, acomodar tudo às circunstâncias de tempo e lugar, para que se conserve a paz e a caridade. Vem a propósito aquela frase de Terêncio: «A justiça levada a extremos é a maior das injustiças». O Sábio diz também: *se Deus fosse a exigir os seus direitos com todo o rigor, não deixaria ninguém com vida*⁷. David muitas vezes deixou de fazer contra Saul e contra Joab, etc., o que estava em seu pleno direito.

Trata-se, como nos é familiar, de uma passagem da comédia *O homem que se puniu a si mesmo*: propõe-se a moderação, a afabilidade, num verso (v. 796)⁸ posto nos lábios de Siro, escravo doméstico de Cremes, que se há-de revelar um falso *sapiens* nas suas contradições.

Nas duas últimas evocações do *poeta comicus*, Bartolomeu dos Mártires parece fazê-lo a partir do precioso manancial da sua memória, pois os versos não coincidem rigorosamente com o original. Deste modo, podemos concluir que este facto é revelador da importância que Terêncio assumiu enquanto paradigma da aprendizagem, consagrado pelo cânone literário desde a Antiguidade: o ensino da gramática, da retórica ou da dialéctica não haviam de prescindir dos seus versos.

Por outro lado, torna-se evidente que estas referências textuais valorizam a faceta sapiencial de Terêncio, veiculadas, sem dúvida, pela escola. E é este aspecto que está no centro de forte controvérsia ao longo dos tempos: apesar da sua presença nos cânones escolares, ao lado de Virgílio, Cícero, Salústio ou Tito Lívio, ele há-de ser considerado pernicioso para a formação da juventude.

Esta atitude ganha raízes no pensamento de Quintiliano que, na *Institutio Oratoria*, quando fala da utilidade dos comediógrafos para a eloquência, recomenda que a sua leitura se faça apenas quando o carácter dos alunos estiver suficientemente formado, a fim de nada fazer perigar a firmeza dos princípios morais⁹.

Juízo semelhante é corrente entre os autores cristãos que, não obstante, dificilmente resistiam a eivar os seus discursos de reminiscências clássicas,

⁷ Cf. *Eccl.* 7.17.

⁸ Nesta expressão proverbial, que ocorre em Cícero (*Off.* 1.10.33: *Ex quo illud 'summum ius, summa iniuria' factum est iam tritum sermonem prouerbium*), Terêncio usa *malitia* em vez de *iniuria*: «*ius summum saepe summa est malitia*».

⁹ Cf. *Inst.* I.8.7.

invocando, tantas vezes, Terêncio, que os comentários dos gramáticos celebrizaram, nomeadamente o de Donato, contemporâneo de Santo Agostinho. E vem a propósito trazer a este lugar os argumentos deste santo, por contraste com a citação que dele faz S. Bartolomeu dos Mártires, que vimos atrás. Diz ele na *Cidade de Deus*:

Indignum uidelicet fuit, ut Plautus au Naeuius Publio et Gneo Scipioni aut Caecilius M. Catoni malediceret, et dignum fuit, ut Terentius uester flagitio Iouis optimi maximi adolescentium nequitiam concitaret?

Sem dúvida que se considerou indigno que Plauto ou Névio exercessem a sua maledicência contra Públio e Gneu Cipião, ou então que Cecílio fizesse o mesmo contra Marco Catão: mas considerou-se digno que o vosso Terêncio despertasse a maldade dos adolescentes com o mau comportamento de Júpiter Ótimo Máximo?¹⁰

Esta polémica renova-se no século X, com Rosvita, tradicionalmente apresentada como professa do Convento Beneditino de Gandersheim. Impressionada com o prazer que os eruditos encontravam na leitura do cómico latino, esta poetisa alemã vai imitar o estilo de Terêncio nos seus dramas, embora os assuntos se inspirassem em temas da vida santos.

É por isso que, neste contexto, se torna elucidativo o *exemplum* do Arcebispo Bracarense. Para mais, sabendo nós que o seu tratado foi redigido e publicado num tempo marcado pelo reforço da ortodoxia católica, estimulado pelos ventos de mudança que se faziam sentir desde Trento. Não será ainda despidendo mencionar que o Arcebispo Italiano, S. Carlos Borromeu foi o primeiro a lê-lo, ainda em manuscrito, que lhe dispensou grande consideração (*apud* Mártires, 1981: XXV).

¹⁰ *Civ. Dei* II.12. Veja-se, a propósito, as *Confissões* (I.16.26): «E, no entanto, ó torrente infernal, em ti são lançados os filhos dos homens com o preço que pagam para aprender tais coisas, e tem-se por grande acontecimento fazê-lo publicamente no foro, ao abrigo das leis que estabelecem salários além do pagamento que recebem, e tu bates nas pedras do teu leito e as fazes soar, dizendo: 'Aqui se aprendem as palavras, aqui se adquire a eloquência, extremamente necessária para persuadir de alguma coisa e expor o pensamento.' Sendo assim, não conheceríamos as palavras 'chuva', 'dourado', 'regaço', 'embuste', 'abóbada celeste' e outras palavras que se encontram escritas numa obra de Terêncio, se ele não apresentasse nesse lugar um rapaz perverso que se propunha a si mesmo Júpiter como modelo de estupro, ao olhar um quadro pintado na parede, 'onde estava representado como Júpiter, segundo dizem, certo dia, mandou para o regaço de Dánae uma chuva dourada' (*Eun.*, vv. 584-585), 'que se tornou num embuste para essa mulher' (*Eun.*, v. 589). E vê como ele se excita à luxúria, como que levado pelo celeste magistério: 'Mas que deus!', diz ele. 'É ele quem faz ressoar a abóbada celeste com enorme estrondo. E eu, um pobre mortal, não poderia fazer o mesmo? Eu, na verdade, o fiz e de bom grado' (*Eun.*, vv. 590-591). De modo nenhum é por esta torpeza que mais facilmente se aprendem essas palavras, mas é por estas palavras que mais ousadamente se põe em prática essa torpeza. Não acuso as palavras enquanto vasos eleitos (*Act.* 9: 15) e preciosos (*Prov.* 20: 15), mas o vinho do erro, que neles nos davam a beber os ébrios doutores, e se não bebêssemos, éramos açoitados, e não nos era lícito apelar para um juiz que estivesse sóbrio. E, todavia, eu, meu Deus, em cuja presença já está em segurança a minha recordação, de bom grado aprendi essas coisas e, infeliz, deleitava-me nelas e, por isso, me chamavam rapaz de boa esperança» (Agostinho: 2004, 41 e 43).

Mas regressemos aos excertos do *Stimulus Pastorum*. Dois títulos de comédias ali são mencionados: os *Dois irmãos* e *O homem que se puniu a si mesmo*. Creio que não se trata de uma indicação fortuita. Na verdade, Cícero já havia mostrado preferência pela primeira comédia, ao consagrar especiais atenções à interpretação dos papéis de Démea e de Micião. Mas é também ao arpinate que se deve a interpretação hodierna consagrada pela tradição do célebre verso 77 da comédia o *Homem que se puniu a si mesmo*, interpretado como uma manifestação de *humanitas*. A estas duas comédias, junte-se o primeiro acto de *A Moça que veio de Andros*, e temos encontrada a tríade que dá expressão à temática fundamental da obra terenciana: a educação. Deste parecer é o italiano Luciano Perelli (1973: 61)¹¹ bem como Terry Kay McGarrity (1977: 57)¹² e Walter E. Forehand (1985: 124)¹³.

A problemática educacional manifesta-se logo na sua primeira comédia, *A Moça que veio de Andros*, levada à cena no ano 166 a. C., por ocasião dos *Ludi Megalenses*. O jovem Pânfilo ama Glicério, uma donzela que, vinda de uma ilha longínqua das Cíclades, Andros, vivia em Atenas na companhia da suposta irmã, a meretriz Crísis. No funeral desta, Simão descobre a paixão que une seu filho Pânfilo a Glicério (vv. 127-136):

*Funus interim
procedit. Sequimur; ad sepulcrum uenimus;
in ignem imposita est; fletur. Interea haec soror
quam dixi ad flammam accessit imprudentius
satis cum periculo. Ibi tum exanimatus Pamphilus
bene dissimulatum amorem et celatum indicat:
adcurrit, mediam mulierem complectitur:
«Mea Glycerium», inquit «quid agis? Cur te is perditum?»
Tum illa, ut consuetum facile amorem cerneret,
reiecit se in eum flens quam familiariter! (Terêncio: 1991, 24)¹⁴*

¹¹ «Delle sei commedie terenziane, due, l' *Heautontimorumenos* e gli *Adelphoe*, sono totalmente impregnate sul problema dell'educazione dei figli, e una, l' *Andria*, contiene nel primo atto una lunga esposizione sui metodi educativi; nel seguito della commedia il problema pedagogico non viene ulteriormente trattato, e i principi esposti da Simone all'inizio non trovano alcuna applicazione nello sviluppo delle trama: evidentemente il poeta ha voluto inserire nel primo atto, che sappiamo essere stato da lui profondamente trasformato in confronto agli originali greci, quel problema che tanto gli stava a cuore, anche se questa inserzione poco collimava col seguito della trama.» Segundo este autor, a partir do verso 155, Simão não representa mais o pensamento de Terêncio, assumindo, a partir daí, o papel de *pater iratus*, por exigência de uma comédia de intriga. Daí se explica a incoerência de Simão ao impor um noivado ao filho. Acrescente-se, ainda, que a *And.* é a primeira peça onde aflora à pena do nosso autor um esboço do seu ideal pedagógico, certamente por influência dos seus patronos. Trata-se de uma tentativa de mudança dos gostos do público romano, habituado que estava às comédias *motoria*.

¹² «The theme of education is one which appears regularly in the plays of Terence, particularly in the *Andria*, the *Heautontimorumenos*, and the *Adelphoe*. Further more, the manner of education is inextricable involved with the father / son relationship.»

¹³ «*The Girl from Andros*, *The Self-Tormentor* and *The Brothers* all make the father – son relationship their central concern. Miscommunication is general the cause of problems, arising both from faulty parenting and from the generation gap.»

¹⁴ Usamos a tradução do Prof. Walter de Medeiros.

‘O funeral, entretanto, lá vai avançando; e nós tratamos de o seguir. Chegámos à sepultura; a morta foi colocada na pira... O pranto é de todos.

Neste entretanto, a tal irmã, de que falei, aproxima-se da chama com certa imprudência: diria mesmo com bastante perigo. E é nessa altura que Pânfilo, fora de si, revela o amor que trazia bem disfarçado e escondido. Atira-se para a frente, abraça a mulher pela cintura: «Minha Glicério» – exclama – «que estás a fazer?... Porque te vais destruir?...» Então ela – assim se podia entender, sem reboços, a intimidade do amor – lançou-se nos braços dele... E chorava... com enorme confiança!... (Terêncio: 1988, 37)

O distanciamento do *paterfamilias*, que decorre do exercício de uma *patria potestas* consagrada no direito romano, conduziu à ausência de diálogo, tendo como consequência a ignorância da vida do seu próprio filho.

Sentindo o desconforto da situação – o seu vizinho Cremes, possuidor de um património apetecível, recusava agora o matrimónio que ambos tinham apalavrado – trata imediatamente de remediar o caso, com o solícito Davo (vv. 186-189):

*Sed nunc ea me exquirere
iniqui patris est; nam quod antehac fecit nihil ad me attinet;
dum tempus ad eam rem tulit, siui animum ut expleret suum.
Nunc hic dies aliam uitam adfert, alios mores postulat. (Idem, 27-28)*

A verdade é que, se me pusesse agora a tirar inculcas, seria atitude de um pai injusto. O que ele fez até esta data – é coisa que me não aqueça nem arrefenta. Enquanto as baldas foram de sação, deixei que o coração dele se fartasse. Agora o dia de hoje traz outra vida, reclama outros costumes. (Idem, 44)

A contrariedade amorosa do filho foi o suficiente para que se revelasse o peso da educação tradicional: revela-se o *senex iratus*. E Pânfilo entra em crise enquanto Glicério, só, espera um filho, de ambos. Ao espectador, a entrada em cena do jovem Carino, enamorado de Filúmena, fá-lo sonhar com um final feliz. O que há-de suceder, pois Glicério será identificada como filha de Cremes.

Este primeiro acto consagra ainda duas coordenadas importantes na formação da juventude. Por um lado, o reconhecimento de que o verdadeiro carácter do jovem só alcança a sua maturidade em ambiente de Liberdade, o que sucede, normalmente, após a adolescência, mais exactamente depois «da efebria», que terminava por volta dos vinte anos. Ouçamos as palavras de Simão (vv. 51-54):

*Nam is postquam excessit ex ephēbis, Sosia, <et>
liberius uiuendi fuit potestas (nam antea
qui scire posses aut ingenium noscere,
dum aetas metus magister prohibebant?)... (Idem, 20)*

Pois, caro Sósia, quando o rapaz saiu da adolescência e ganhou o direito a viver em maior autonomia (sim, antes disso, como se poderia conhecer ou apreciar a sua índole, enquanto a idade, o acanhamento, o mestre o refreavam?)... (Idem, 32)

Mas esta caminhada de amadurecimento espiritual não há-de carecer de equilíbrio, que Simão elogia na conduta do filho (vv. 55-60):

... quod plerique omnes faciunt adolescentuli,
ut animum ad aliquod studium adiungant, aut equos
alere aut canes ad uenandum aut ad philosophos,
horum ille nihil egregie praeter cetera
studebat et tamen omnia haec mediocriter.
Gaudebam. (*Idem*, 20-21)

... ao contrário do que fazem, regra geral, todos os jovens, que afeiçoam o espírito a uma determinada inclinação – ou a criação de cavalos ou os cães de caça ou a atracção dos filósofos –, ele não se inclinava de modo particular para nenhuma destas coisas em detrimento das outras, antes a todas se dedicava com moderação. E eu encantado!... (*Ibidem*)

E o *seruus callidus*, Davo, remata com o pensamento esculpido no frontão do templo de Apolo, em Delfos (vv. 60-61):

Non iniuria; nam id arbitror
adprime in uita esse utile, ut nequid nimis. (*Idem*, 21)

E com razão. Por mim entendo que, na vida, a regra que mais nos aproveita é evitar os excessos. (*Ibidem*)

Esta ascese está salpicada de escolhos, hesitações, compreensíveis na verdura dos anos, como nos confessa Pânfilo em monólogo amargurado (vv. 259-263):

Sed nunc quid primum exsequar?
Tot me impediunt curae quae meum animum diuorsae trahunt:
amor, misericordia huius, nuptiarum sollicitatio,
tum patris pudor, qui me tam leni passus est animo usque adhuc
quae meo cumque animo lubitumst facere. (*Idem*, 32-33)

Mas agora, por que ponta é que hei-de pegar primeiro?... E são tantas as penas que me retêm, que ora para um lado, ora para outro arrastam o meu coração!... O amor, a comisseração pela sorte desta rapariga, a angústia do casamento... e também o respeito devido a meu pai, que com tanta brandura de coração suportou até agora tudo quanto ao meu apeteceu fazer. (*Idem*, 51-52)

Reconhecendo, embora, a *lenitas* paterna, Pânfilo adia uma decisão e resigna-se aos malabarismos de Davo. O *pudor* e a *pietas* filial a isso o obrigam. Por outro lado, o seu amor por Glicério não lhe deixa outra alternativa que não seja o casamento, o que é reforçado pelo compromisso que assume no leito da morte de Crísis (vv. 282-298):

Memor essem? O Mysis, Mysis, etiam nunc mihi
scripta illa dicta sunt in animo Chrysidis
de Glycerio. Iam ferme moriens me uocat:
accessi; uos semotae, nos soli; incipit:
«Mi Pamphile, huius formam atque aetatem uides,

nec clam te est quam illi nunc utraeque inutiles
et ad pudicitiam et ad rem tutandam sient.
Quod ego per hanc te dextram oro et genium tuom,
per tuam fidem perque huius solitudinem
te obtestor ne abs te hanc segreges neu deseras.
Si te in germani fratris dilexi loco
siue haec te solum semper fecit maxumi
seu tibi morigera fuit in rebus omnibus,
te isti uirum do, amicum, tutorem, patrem;
bona nostra haec tibi permitto et tuae mando fidei.»
Hanc mihi in manum dat; mors continuo ipsam occupat.
Accepi: acceptam seruabo. (*Idem*, 34-35)

Que eu me lembre dela?!... Oh Mísis, Mísis! Ainda tenho escritas no meu coração aquelas palavras de Crísis sobre Glicério... Já moribunda, manda-me chamar; acudi logo; vocês afastaram-se: ficámos sós. E ela começa a falar: «Meu querido Pânfilo, estás a ver a beleza e a idade desta jovem; e não ignoras quanto estes dois predicados são agora de nenhum préstimo para defender a sua honra e os seus bens. Por isso – em nome desta tua mão direita e do teu génio, em nome da tua fidelidade e da solidão desta jovem – eu te conjuro: não te afastes dela nem a abandones. Se te amei como a um verdadeiro irmão, se Glicério te considerou sempre (e a ti somente) como o maior dos bens, se Glicério te fez sempre todas as vontades – a ela te dou para que sejas marido, amigo, tutor, pai¹⁵. Todos estes nossos bens eu tos entrego e os confio à tua honra.» Pousa a mão de Glicério na minha mão... E logo a morte se apodera daquela mulher. (*Idem*, 54)

O comediógrafo sublinha, deste modo, a bondade e a nobreza de Crísis, o paradigma de *bona meretrix* que se afasta do tipo dominante na comédia plautina, a *mala meretrix*. Se a isto acrescentarmos o exemplo de domínio de Pânfilo (*And.* 89-98)¹⁶, apesar da frequência assídua do lupanar, então temos motivos suficientes para a *captatio beneuolentiae* dos espectadores.

¹⁵ Vejam-se, a propósito, a palavras de Andrómaca no derradeiro adeus a seu amado esposo, Heitor, que a morte havia de surpreender às mãos de Aquiles (*Iliada*, VI.429-432): «Heitor, tu para mim és pai e excelsa mãe; és irmão / e és para mim o vigoroso companheiro do meu leito. / Mas agora compadece-te e fica aqui na muralha, / para não fazeres órfão o teu filho e viúva a tua mulher.» (Homero: 2005, 144)

¹⁶ Cf.: *Item alio die / quaerebam: comperiebam nihil ad Pamphilum / quicquam attinere. Enimvero spectatum satis / putabam et magnum exemplum continentiae; / nam qui cum ingeniis conflictatur eius modi / neque commouetur animus in ea re tamen, / scias posse habere iam ipsum suae uitae modum. / Cum id mihi placebat tum uno ore omnes omnia / bona dicere et laudare fortunas meas, / qui gnatum habere tali ingenio praeditum.* (Terêncio: 1991, 22) Isto é: «No outro dia, tornava a fazer a mesma pergunta; e ficava a saber que com Pânfilo não havia relações de espécie alguma. Em boa verdade, convenci-me de que já tinha feito a observação suficiente – e de que o rapaz era um exemplo admirável de contenção. Se uma pessoa tem de lidar com temperamentos daquela natureza e, em situações do género, o seu coração não se deixa abalar... podemos ter a certeza de que está em condições de definir, por si mesmo, as regras da sua vida. E se eu por mim andava satisfeito com o rumo das coisas, todos em coro me davam todos os parabéns deste mundo e louvavam os favores com que a fortuna me bafejava, por ter um filho de tal natureza.» (Terêncio: 1988, 34)

Em jeito de conclusão, podemos afirmar que estamos em presença de uma comédia de enredo duplo, uma originalidade terenciana no âmbito da *palliata* que, com excepção de *A sogra* – o drama da incompreensão e do isolamento, na expressão de Walter de Medeiros – caracteriza as outras cinco comédias. A sua temática pode considerar-se precursora de *O homem que se puniu a si mesmo* (163 a. C.) e de *Os dois irmãos* (160 a. C.), nomeadamente a questão da desumanidade da *patria potestas* (v. 236), do respeito pelas normas sociais (vv. 780-781), da *lenitas* do *paterfamilias* na educação, da obediência do filho por *pudor* e não por medo, entre outros assuntos.

Diz o povo, e com razão, que nós só entramos na vida adulta com a perda dos nossos pais. Bem duro este «calvário da educação», como diz Miguel Torga, em que a pessoa humana se afirma paulatinamente na separação do outro, tomando consciência da sua responsabilidade pessoal, em ambiente de liberdade. Ideia cara a Terêncio e inovadora esta finalidade ética e pedagógica da liberdade dos pais. Ausente do pensamento de Menandro (Perelli: 1973, 107)¹⁷, as suas raízes encontram-se em Platão e Aristóteles que prescreviam a imposição de normas rígidas de comportamento aos jovens, a fim de os corrigir, e que conheceriam o seu termo na idade da razão.

Num tempo de grandes transformações sócio-culturais, Roma vivia o dilema de duas concepções espirituais antagónicas: por um lado, as tradições dos antepassados romanos consignadas no *mos maiorum*, que ganhou expressão relevante com a figura austera de Catão-o-Antigo; por outro, a influência helenística que recolhe cada vez mais simpatias entre os *nobiles*, tendo no Círculo dos Cipiões o seu melhor aliado. Roma, que acabava de sair vitoriosa da 2.ª Guerra Púnica, desperta, deste modo, para a importância da formação intelectual, do culto das letras. Por isso é significativo o apelo de Terêncio à mediania.

Novidade é também a nobreza dispensada às meretrizes e aos escravos, sendo arauto de uma nova mentalidade: todos os seres humanos são iguais. Pode ver-se aqui o influxo das ideias estoicas que, impulsionadas pelo filósofo grego Panécio de Rodes, conheceram naquela tertúlia intelectual terreno favorável à sua propagação.

É a sua luta pela dignificação da mulher, também ela com direito a ser reconhecida socialmente; é a dignificação do Homem, independentemente da classe social a que pertença. Por isso, o seu teatro é profundamente reflexivo, onde a problemática da existência humana é analisada ao pormenor. Optou por caracterizar o ser humano na sua singularidade, revelando-o no

¹⁷ Cf.: «Soprattutto manca in Menandro la finalità più propriamente etica e pedagogica della liberalità dei patri in Terenzio, cioè lo scopo di consentire la libera formazione della personalità del giovane di creare in lui l'autoresponsabilità e il senso della coscienza morale; l'ottenere l'amore e l'ubbidienza del figlio in Terenzio diventa un fine secondario in confronto a questo fine più alto e più ampio, che va oltre al rapporto tra padre e figlio e investe il comportamento dell'uomo verso gli altri uomini.»

confronto com o outro. Assim se vincam mais os dramas íntimos e se manifesta o que é comum a todos: a *humanitas*.

Trata-se de um teatro profundamente humano, onde a acção evolui naturalmente sem intromissões estranhas. Apesar da *contaminatio*, o homem não surge em luta contra o *fatum* ou os deuses, mas com a sociedade e as suas convenções.

Bibliografia

- AGOSTINHO, Santo (2004), *Confissões*. Tradução de Arnaldo do Espírito Santo, João Beato e Maria Cristina de Castro-Maia de Sousa Pimentel. Lisboa, Centro de Literatura e Cultura Portuguesa e Brasileira, Imprensa Nacional-Casa da Moeda. [2.ª edição. Edição bilingue. Introdução de Manuel Barbosa da Costa Freitas. Notas de âmbito filosófico de Manuel Barbosa da Costa Freitas e José Maria Silva Rosa].
- BRANDÃO, José Luís (2006), «Vida suetoniana de Terêncio: estrutura e estratégias de defesa do poeta», in POCIÑA, A., RABAZA, R., SILVA, F. (eds.), *Estudios sobre Terêncio*. Granada, Editorial de la Universidad. [no prelo].
- COUTO, Aires Pereira do (2006), «As cortesãs em Terêncio», *ibid.*
- FOREHAND, Walter E. (1985), *Terence*. Boston, Twayne Publishers.
- GRIMAL, Pierre (1975), *Le Siècle des Scipions. Rome et l'hellénisme au temps des guerres puniques*. Paris, Aubier. [2.ª édit. refondue et augmentée].
- HOMERO (2005), *Iliada*. Tradução de Frederico Lourenço. Lisboa, Livros Cotovia.
- KARAMALENGOU, Hélène (2001), «Le théâtre de Térence et l'image cicéronienne du cercle de Scipion», *Bulletin de l'Association Guillaume Budé*, pp. 357-378.
- LEÃO, Delfim F. (2006), «A *Hecyra* de Terêncio: incompreensão, isolamento e convenção social», in POCIÑA, A., RABAZA, R., SILVA, F. (eds.), *Estudios sobre Terêncio*. Granada, Editorial de la Universidad. [no prelo].
- MCGARRITY, Terry Kay (1977), *Thematic analyses of the plays of Terence*. Michigan, University Microfilms International. [This is an authorized facsimile printed by microfilm/xerography on acid-free paper in 1985].
- MÁRTIRES, Bartolomeu dos (1981), *Estímulo de Pastores*. Edição bilingue. Tradução portuguesa de P. Manuel Barbosa Pinto, S.J. e P. António Freire, S.J. Introdução e notas de P. Fr. Raul de Almeida Rolo, O.P., Braga, edição do Movimento Bartolomeano – Porto.
- MELO, António Maria Martins (1994), *Ideias pedagógicas na comédia de Terêncio*. Braga, edições APPACDM distrital de Braga.
- OLIVEIRA, Francisco de (2006), «Amor em Terêncio», in POCIÑA, A., RABAZA, R., SILVA, F. (eds.), *Estudios sobre Terêncio*. Granada, Editorial de la Universidad. [no prelo].
- PIMENTEL, Maria Cristina de Castro-Maia de Sousa (2006), «Leituras de Terêncio nos autores clássicos», *ibid.*
- PERELLI, Luciano (1973), *Il teatro rivoluzionario di Terenzio*. Firenze, Nuova Italia.

- QUINTILIANO, Marco Fábio (1996), *Sobre la formación del orador*. Traducción y comentarios de Alfonso Ortega Carmona. Salamanca, Publicaciones Universidad Pontificia Salamanca y Caja Salamanca y Soria. [Edición bilingüe, Tomo I, Libros I-III].
- RAMALHO, Américo da Costa (1966), «D. Diogo de Sousa e o Introdutor do Humanismo em Portugal», *Bracara Augusta* 20, pp. 6-24.
- SANTO, Arnaldo do Espírito (2006), «Terêncio nos autores cristãos da Antiguidade Tardia e Idade Média», in POCIÑA, A., RABAZA, R., SILVA, F. (eds.), *Estudios sobre Terêncio*. Granada, Editorial de la Universidad. [no prelo].
- SILVA, Maria de Fátima (2006), «Menandro e a comédia grega – o fim de um trajecto», *ibid.*
- TALADOIRE, Barthélémy-A. (1972), *Térence: un théâtre de la jeunesse*. Paris, Les Belles Lettres.
- TERÊNCIO (1992), *O homem que se puniu a si mesmo*. Introdução, versão do latim e notas de Walter de Medeiros. Coimbra, INIC e Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra.
- (1991), *Andria*. Texto revisado y traducido por Lisardo Rubio. Madrid, Consejo Superior de Investigaciones Científicas. [Terencio, *Comedias*, vol. I, 2.ª edición].
- (1988), *A moça que veio de Andros*. Introdução, versão do latim e notas de Walter de Medeiros. Coimbra, INIC e Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra.
- (1988), *Os dois irmãos*. Introdução, versão do latim e notas de Walter de Medeiros. Coimbra, INIC e Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra [2.ª edição revista e actualizada].
- (1942), *Andria*. Introduction, texte établi et traduit par J. Marouzeau. Paris, Les Belles Lettres. [Térence, *Comédies*, vol. I, 1967].